Release

# Linha fina

*O campo das centáureas* é um romance juvenil, inspirado nas histórias nórdicas, contado a partir do ponto de vista de Olga, uma adolescente de 15 anos de idade. No lugar das aventuras dos homens guerreiros, o cotidiano e as experiências das mulheres ganham centralidade neste romance.

# Título

O campo das centáureas

# Autor

Luciana de Campos

# Nacionalidade

Brasileira

# Coedição

# Título original

# Copyright

# Categoria

Literatura infantojuvenil

# Escola

literatura infantojuvenil, mitologia nórdica

# Palavras-chave

vikings, literatura nórdica

Coleção

Hedra Educação

# Edição

Rogério Duarte

# Tradução

# Capa

# Data lançamento

Previsão: 22/3/2024

# Sobre o livro

O campo das centáureas é um romance juvenil, inspirado em histórias nórdicas, cuja narradora, Olga, é uma adolescente de 15 anos que vive com o pai, comerciante viking, a mãe Gudrun, tecelã, pastora e agricultora, e o frágil irmão Erik. A trama começa quando o pai da narradora, como quase todos os homens da região, tem de deixar temporariamente o lar para comerciar.

O foco narrativo valoriza a experiência de ser mulher nesse contexto. Na mesma medida em que é uma menina autônoma, astuciosa e curiosa, a narradora também sonha com o casamento, a manutenção da vida na pequena propriedade rual e a maternidade. *O campo das centáureas* não é uma narrativa a respeito das aventuras dos homens, mas das atividades das mulheres enquanto os aventureiros e comerciantes viajam. Os ciclos da vida, associados às mudanças no clima e à paisagem natural, dão o compasso do romance, em que reviravoltas na trama se combinam à introspecção reflexiva da narradora.

# Sobre a autora

Luciana de Campos é autora do e-book *Na Mesa com a História*, formada na Universidade Estadual Paulista, especialista de cotidiano feminino da Era Viking e integrante do grupo de pesquisas NEVE. Atualmente mora em João Pessoa com sua família.

# Trechos do livro

## Trecho 1

Naquela manhã de começo de primavera não foi diferente. Logo que meu pai acordou e foi tratar dos animais no nosso pequeno estábulo, eu corri para o campo para colher os botões azuis e encher a casa com elas. Minha mãe já havia avivado as brasas e estava fazendo o nosso mingau de cevada que comíamos todas as manhãs junto com o pão de centeio e malte, mel e maçãs. Havia também groselhas, amoras e framboesas em abundância e a nossa primeira refeição estava alegre como todas as manhãs de primavera devem ser. Assim que meu pai entrou em casa olhou para mim sorrindo:

––- Olga, já atrelei o cavalo e carreguei os cestos de ovos e leite e coloquei uma gaiola com dez galinhas. Avise que os carneiros serão entregues daqui nove dias. Sua mãe vai colocar os cestos com os repolhos e nabos. Coma e se apresse, pois a cozinha do rei precisa disso tudo.

Sorri, engoli rapidamente o mingau e enchi a boca e as mãos com as frutas e saí correndo, o que rendeu um grito de minha mãe:

––- Você já tem quinze invernos! Não se comporte mais como uma criança gulosa ou não vai conseguir um bom marido!

Mais uma vez fingi que não ouvi as palavras dela. Minha mãe desejava um bom casamento para mim, mas eu preferia a minha vida como estava, sem amarras, somente trabalhando na nossa fazenda, sem crianças para cuidar e um marido que me desse ordens. Isso minha mãe já fazia melhor do que ninguém.

## Trecho 2

Ao final de oito dias trabalhando sem interrupção conseguimos semear todos os campos.

Estávamos com as mãos ásperas e cheias de calos e bolhas de puxar o arado e de lançar as sementes. Os pequenos farelos que se desprendiam das sementes entravam nas nossas narinas e nos faziam espirrar, algumas crianças tossiam muito por conta disso e acabavam sendo repreendidas pois diziam que elas mexiam demais nas sementes e as jogavam de qualquer jeito por isso o farelos as incomodava tanto.

Mesmo observando minha mãe e as outras mulheres semeando eu percebia que todas elas jogavam as sementes como as crianças e todas espalhavam o farelo!

Eu ria sozinha dessa situação que me parecia muito engraçada, pois não havia diferença no que faziam, apenas que as mulheres sabiam fingir que não tossiam só para implicar com as crianças.

Observava a cena e me perguntava se quando tivesse meus filhos já um pouco crescidos eu agiria desse mesmo jeito e imaginei que sim. Eu seria igual a essas mulheres como foram as outras mulheres antes de nós.

# Imprensa